

Lévi-Strauss traz o país de novo à luz

A edição de luxo 'Saudades do Brasil' reúne fotos e textos do antropólogo francês que viveu no Brasil na segunda metade dos anos 30

CLÁUDIA MESQUITA
ESPECIAL PARA O HOJE

O que são fotografias documentais senão indícios de experiências passadas? Clichês não trazem de volta a vida vivida. Relatos de viagem nunca vão além de seu próprio limite: são versões fragmentadas, mitificadoras, incapazes de reconstituir a intensidade da experiência. O cheiro quase imperceptível de creosoto nas velhas bagagens, diz Lévi-Strauss no prólogo de "Saudades do Brasil", este sim pode tornar presente, 60 anos depois, cores, sons, cerrados e florestas do Brasil Central. Comparadas ao cheiro opaco do conservante químico, as fotos nada têm a acrescentar de emoção. Para o etnólogo francês, o creosoto era parte integrante da viagem; as fotos são apenas indícios.

E, no entanto, para nós que não estávamos lá, folhear as 200 e poucas páginas da bela edição brasileira de "Saudades do Brasil" não é uma experiência destituída de emoção. Evoca um sentimento parecido ao descrito por Renato Russo em "Índios": a tal "saudeira que eu sinto de tudo que ainda não vi". E, neste caso, de tudo que nunca mais veremos: o Brasil dos anos 30, cujo oeste era representado, no mapa, por um enorme espaço em branco (territórios desconhecidos habitados pelos índios), conforme recorda Lévi-Strauss em seu prólogo; o Brasil da São Paulo mutante, de um milhão de habitantes, indecisa entre o passado colonial e o comércio ascendente.

Foi neste país em gestação, meio nambikuara, meio paulistano, que o jovem Claude, filósofo por formação, tornou-se etnólogo. Não por acaso, Lévi-Strauss começa "Saudades do Brasil" como começava "Tristes Trópicos" (1955): questão

"Foi num país em gestação meio nambikuara, meio paulistano, que o jovem Claude, filósofo por formação, tornou-se etnólogo"

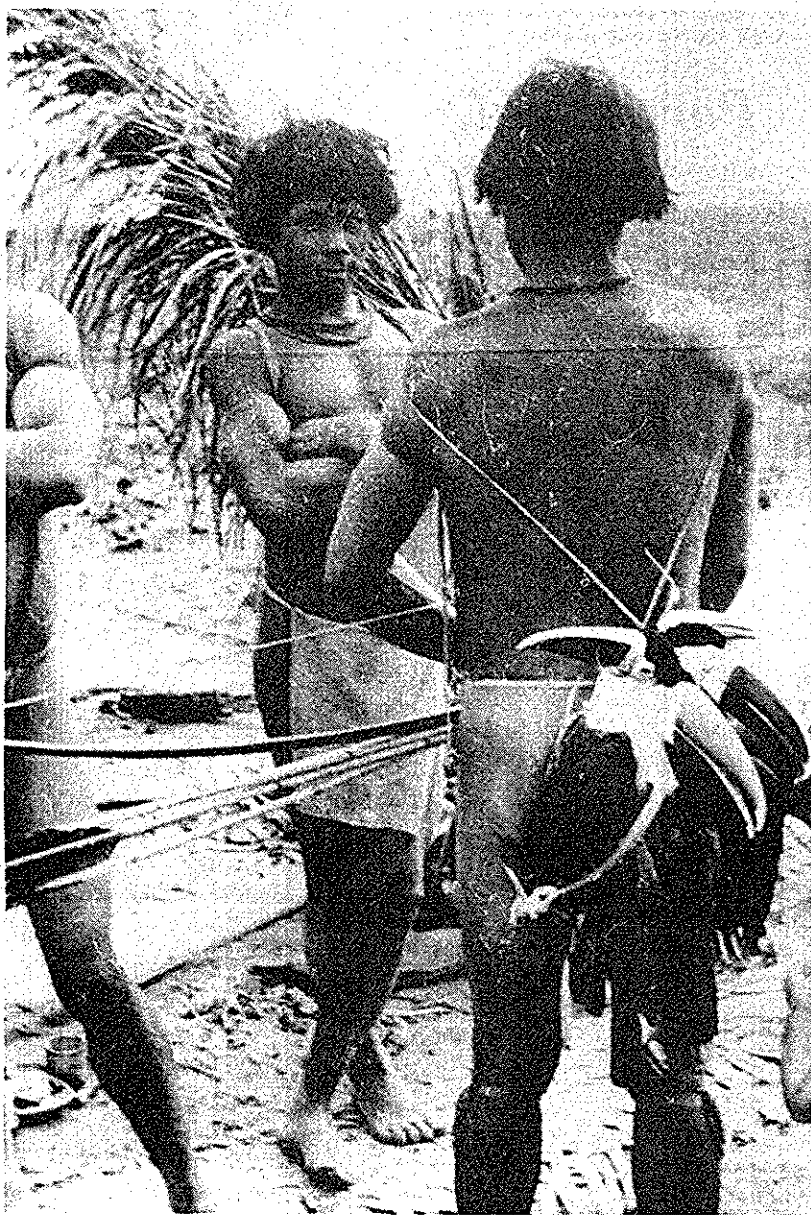
nando a própria iniciativa de editá-lo. "Ódio as viagens e os exploradores", dizia nas primeiras páginas de "Tristes Trópicos", um requintado relato de suas andanças pelo Brasil entre 35 e 39, quando atuou como professor da Universidade de São Paulo. "As fotografias trazem um vazio, uma falta daquilo que a objetiva é intrinsecamente incapaz de captar", reforça no prólogo de "Saudades do Brasil", seleção, acompanhada de textos, de 180 fotos tiradas naquela temporada brasileira.

Mas, no entanto, Lévi-Strauss não apenas escreveu e lançou "Tristes Trópicos", como decidiu premiar seus leitores, quase 40 anos mais tarde, com "Saudades do Brasil" — o álbum de um fotógrafo amador especialmente talentoso. Por que decidiu fazê-lo? "Percebo o paradoxo que há, de minha parte, em publicá-las; como se, ao contrário do que acontece comigo, elas pudessem oferecer substância a um público, não apenas porque ele não esteve lá e deve contentar-se com esse mudo comércio de imagens, mas sobretudo porque tudo isso, revisto no local, se mostraria irreconhecível e até mesmo, sob muitos aspectos, simplesmente não existe mais".

O que é feito dos Bororo, povo macro-jê do Mato Grosso? A estrutura altamente sofisticada de sua sociedade — refletida e baseada no desenho geográfico das aldeias — impressionou o jovem etnólogo. "Perante uma sociedade ainda viva e fiel à sua tradição, o



O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss com seu macaquinho de estimação, na época em que morou no Brasil



Índios nambikuara com tucanos, pássaros que eles caçam para comer

choque é tão forte que desconcerta: neste novelo de mil cores, que fio será necessário seguir em primeiro lugar para tentar desembaraçá-lo?", escreveu em "Tristes Trópicos". Contactados desde o século XVIII, quando suas terras foram invadidas por "bandeirantes" à procura de ouro, os Bororo sobreviventes ainda mantinham, na década de 30, as aldeias partidas em metades, os casamentos cruzados entre clãs, a casa dos solteiros ao centro da aldeia — artificiosos pró-harmonia, como interpretou Lévi-Strauss.

Hoje, ainda conforme o etnólogo, "perdem progressivamente, roídos pelo alcoolismo e pelas doenças, o uso de sua língua". "É nas escolas dos missionários — por um curioso retorno, transformados em conservadores de uma cultura que eles a princípio haviam se empenhado, não sem sucesso, em suprimir — que os jovens Bororo são instruídos acerca de seus mitos e cerimônias". Não há dúvida: os excrementos da

civilização ocidental, que nos anos 30 o etnólogo descobria, atarantado, nos cantos mais inviolados do Brasil, acumulam-se aos montes. "Agora o lixo é tão comum que nem sequer o percebemos. Tudo o que fazia do mundo algo rico em diversidade cultural desapareceu; o ato de viajar pode ser melhor descrito como um deslocamento de aeroporto em aeroporto, quase exatamente iguais em qualquer parte do mundo", opina o etnólogo em entrevista a Edmundo Magaña, publicada nos "Cadernos de Campo" (ano II/edição 2/1992) da USP.

Que dizer dos Nambikuara, povo nômade tupi, sensivelmente fotografado por Lévi-Strauss em 38? Tidos pelo etnólogo como modelo de sociedade harmônica (mais próxima do neolítico, quando a humanidade pode ter sido, se é que o foi, feliz), foram dizimados por epidemias de sarampo em 1945 e 75, e hoje "levam uma vida precária junto a missões protestantes e postos indigenistas".

"Como minhas velhas fotografias não inspirariam um sentimento de vazio e de tristeza?", pergunta cheio de ceticismo. "Elas me dão a consciência aguda de que esse segundo despojamento será definitivo, pelo contraste entre um passado que tive ainda a felicidade de conhecer e um presente do qual me chegam testemunhos dolorosos, enviados por correspondentes às vezes desconhecidos".

Em que medida o doloroso pessimismo de Lévi-Strauss, seguramente o grande nome da antropologia neste século, é sensato? Há 60 anos afastado do Brasil, o etnólogo parece ainda embuído de um "sentimento de culpa ocidental" já expresso em "Tristes Trópicos": "todo o esforço para compreender destrói o objeto

"Em que medida o doloroso pessimismo de Lévi-Strauss, seguramente o grande nome da antropologia neste século, é sensato?"

pelo qual nos tínhamos interessado, em proveito de um objeto de natureza diversa". Carregado de nostalgia e centrado exclusivamente nas recordações do autor (e é essa a proposta da edição), "Saudades do Brasil" acaba por reduzir as sociedades indígenas brasileiras a meras vítimas da explosão demográfica e da expansão irrefreável da civilização ocidental — ignora a dinâmica da história, as reações políticas recentes, a diversidade (possível) do presente, por fim.

E, no entanto, Lévi-Strauss diz que tudo mudou muito desde os anos 30, quando a Europa parecia ter sua "dominação moral sobre o resto do mundo" garantida. "O progresso e os avanços da ciência destroem-se a si mesmos (...) Transformada em sua própria vítima, é a vez de a civilização ocidental sentir-se ameaçada". Difícil ser otimista. Já diria Woody Allen: o pessimismo é a única olhar honesto que se pode lançar ao mundo presente.

Mas é só com o presente que podemos lidar. "Para que serve agir se o pensamento que orienta a ação conduz à descoberta da ausência de sentido?", pergunta o etnólogo, ainda em "Tristes Trópicos". É ele quem responde: "estou obrigado aos homens como estou ao conhecimento; para atingir o fundo, é preciso, primeiramente, que eu me atire à água".

□ Saudades do Brasil — De Claude Lévi-Strauss. Editora Companhia das Letras. 227 páginas. R\$ 56.



Mulher caduveo com pintura, no olhar cinquentenário de Lévi-Strauss



Índios nambikuara com enfeites e perfuração do septo nasal



Os Tupi-Kahwabi: índios da Amazônia



Índio bororo, de tribo quase dizimada pelos Bandeirantes, no sec. 18



Criança nambikuara dormindo; Lévi-Strauss fotografou a tribo em 38